

os persas: a era dos grandes reis

lloyd llewellyn-jones

Tradução de Rui Azeredo

اینه سلندر جامی است بنگر
تا بر تو عرضه دارد احوال ملک دارا

Uma taça de vinho é o Espelho de Alexandre —
Olhai, ele expõe-nos o estado do reino do Rei Dario.

— HAFEZ

*Aos meus alunos, passados e presentes,
por se juntarem a mim na viagem de regresso à Pérsia.*



ÍNDICE



<i>Lista de Ilustrações</i>	13
<i>Mapa</i>	17
<i>Árvore Genealógica</i>	18
Prólogo: Persépolis 448 a.C.	19
Introdução	23
PRIMEIRA PARTE: ESTABELECE O IMPÉRIO	45
1. Os Medos e os Persas	49
2. <i>Olhai, Aí Vem o Herói Conquistador</i>	62
3. As Várias Mortes — e Nascimento — de Ciro, o Grande	85
4. O Cetro do Egito	96
5. A Verdade e a Mentira	105
SEGUNDA PARTE: SER PERSA	127
6. Quando os Burocratas Governavam o Mundo	130
7. Uma Corte sob Tendões	149
8. Construir a Majestade	156
9. Escravatura sob Outro Nome	166
10. Coroas e Concubinas	172
11. A Política da Etiqueta	190
12. <i>Also Sprach Zarathustra</i>	198

TERCEIRA PARTE: ALTO IMPÉRIO	215
13. Dario Sai de Cena	219
14. Governar Heróis	226
15. Soltai os Cães de Guerra	236
16. <i>Les Liaisons Dangereuses</i>	253
17. Tempos de Mudança	264
18. Famílias (In)Felizes	278
19. Irmãos de Sangue	286
20. <i>Women Beware Women</i>	303
21. Prazeres Violentos Têm Fins Violentos	316
22. <i>Some Talk of Alexander</i>	332
Epílogo: Passado Persa, Presente Iraniano	351
Dramatis Personae	371
<i>Leituras Adicionais</i>	379
<i>Notas sobre Abreviaturas</i>	385
<i>Agradecimentos</i>	387
<i>Imagens</i>	389

LISTA DE ILUSTRAÇÕES



DESENHOS DE LINHA

1. Hoplita grego prepara-se para violar um soldado persa. «Vaso Eurimedonte», *oinoche* de figuras vermelhas ática, jarro de vinho atribuído ao círculo do Pintor de Triptolemos, c. 460 a.C. Museum für Kunst und Gewerbe, Hamburgo.
2. Ciro I de Ansã derrota os seus inimigos. Impressão de selo (PFS 93*).
3. *Apkallu* (guardião) alado e coroado do portão do palácio-jardim de Ciro, o Grande, em Pasárgada.
4. A Inscrição de Beistum, imagem pictórica da vitória de Dario, o Grande.
5. O Grande Rei, na sua forma de «herói» persa, mata um monstro mítico (parte leão, parte águia, parte escorpião) que representa o caos de «*drauga*» (a Mentira). De uma ombreira de porta do Salão das Cem Colunas, Persépolis.
6. Impressão de selo de Fárnaces (PFS 9).
7. Impressão de selo de Zishshawish (PFS 83*).
8. Segunda impressão de selo de Fárnaces (PFS 16*).
9. Segunda impressão de selo de Zishshawish (PFS 11).
10. Darico de ouro mostrando uma imagem de um Grande Rei armado com um arco e flecha e uma lança, 460 a.C. Metropolitan Museum of Art (Domínio Público).
11. Impressão de um selo cilíndrico que representa uma cena de uma audiência feminina. Possivelmente de Susa, c. 490 a.C. Louvre, Paris.

12. Impressão de um selo pertencente a Rashda, mordomo da casa real de Irdabama, mãe de Dario, *o Grande* (PFS 535).
13. Impressão de um selo pertencente a Artístone (PFS 38).
14. Impressão de um selo pertencente a Shalamana, mordomo de Artístone (PFS 535).
15. Pormenor tirado do chamado «Relevo do Tesouro» em Persépolis; o Grande Rei e o príncipe herdeiro representados numa audiência real.
16. Dois magos, de boca coberta, conduzem rituais sacrificiais num altar. Seguram varinhas de madeira de balsamina. De Dascylium, c. 450 a.C. Museu de Arqueologia, Istambul.
17. Impressão de selo representando Xerxes a decorar uma árvore com ofertas de joalheria. Musée des Armures, Bruxelas (SXE).
18. Impressão de selo de um Grande Rei a matar um hoplita grego. Provavelmente produzido na Ásia Menor e gravado em estilo «grego».
19. Impressão de selo mostrando um soldado persa a matar guerreiros nómadas. Ahura-Mazda paira sobre a cena. British Museum.
20. Impressão de selo de Artaxerxes I representado como senhor do Egipto. Hermitage, S. Petersburgo.

GRAVURAS

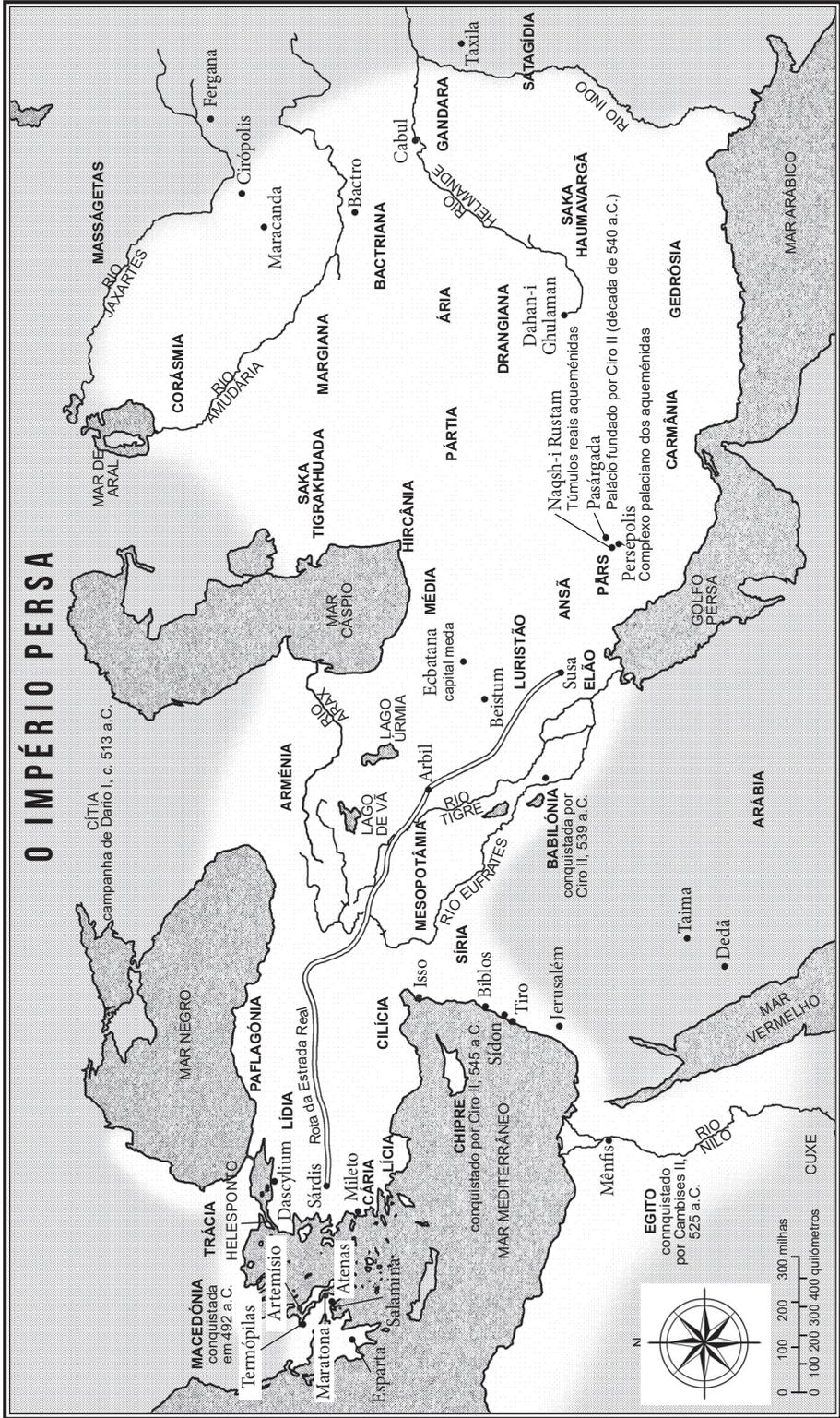
1. Dario, *o Grande*, presta culto a Ahura-Mazda em frente a um altar de fogo. Ele é erguido num *takht* (trono), apoiado por representantes do império. Túmulo de Dario I em Naqsh-i Rostam. Fotografia por Lloyd Llewellyn-Jones.
2. Enormes túmulos reais, em forma cruciforme, esculpidos na superfície da rocha, em Naqsh-i Rostam. Fotografia por Lloyd Llewellyn-Jones.
3. Os modestos vestígios do magnífico palácio-jardim de Ciro, em Pasárgada. Fotografia por Lloyd Llewellyn-Jones.
4. Flores e plantas esculpidas em pedra, representadas nas paredes de Persépolis, lembram-nos a obsessão persa por jardins e jardinagem. Fotografia por Laurent Galbrun.
5. O Cilindro de Ciro: a aplicação mais insigne de relações públicas da antiguidade. Fotografia de Laurent Galbrun.
6. Tijolos vitrificados adornam a Porta de Ishtar da Babilónia, construída

- por Nabucodonosor II. Dragões e touros pavoneiam-se e rosnam ao protegerem a cidade sagrada. Fotografia de Laurent Galbrun.
7. A imensidão de Persépolis tem facilmente lugar entre as mais notáveis ruínas da antiguidade. Fotografia de Laurent Galbrun.
 8. Esculpidas a grande altura na superfície da rocha, no Monte Beistum, estão a inscrição e o relevo que registam a versão de Dario I da sua ascensão ao trono. O seu relato é uma obra-prima de factos alternativos. Fotografia de Keivan Mahmoudi.
 9. Gigantescos touros alados com cabeças humanas guardam o magnífico Portão de Todas as Nações de Xerxes, em Persépolis. Fotografia de Lloyd Llewellyn-Jones.
 10. A escadaria leste do *Apadana*, em Persépolis, está esculpida sumptuosamente com figuras humanas, de animais e de plantas. Outrora, estiveram pintadas com cores vívidas. Fotografia de Laurent Galbrun.
 11. Esta estátua de Dario, o *Grande*, com tamanho maior do que o real, e agora sem cabeça, fez outrora parte de um par. Elaborada no Egito, mas deslocada para Susa por Xerxes, a estátua foi descoberta na entrada real do palácio de Susa, em 1972. Fotografia de Lloyd Llewellyn-Jones.
 12. Pequena cabeça azul-turquesa, descoberta em Persépolis, que representa uma mulher da realeza, ou talvez um jovem, ou ainda um eunuco. É impossível ter a certeza. Fotografia de Lloyd Llewellyn-Jones.
 13. Esculpida na ombreira de uma porta no palácio de Dario, em Persépolis, está esta elegante figura de um jovem eunuco. Ele segura um frasco de perfume e uma toalha. Fotografia de Lloyd Llewellyn-Jones.
 14. Esfinge, de Persépolis, com cabeça humana magnificamente executada. Fotografia de Pejman Akbarzadeh.
 15. Uma delegação de lídios traz ofertas de louças, joias e cavalos ao Grande Rei. Persépolis, escadaria leste do *Apadana*. Fotografia de Lloyd Llewellyn-Jones.
 16. Sírios oferecem tecidos e carneiros profusamente lanosos. Persépolis, escadaria leste do *Apadana*. Fotografia de Laurent Galbrun.
 17. Um cortesão persa conduz um diplomata arménio pela mão. A oferta que traz ao rei é um entroncado cavalo de Niseia. Persépolis, escadaria leste do *Apadana*. Fotografia de Laurent Galbrun.
 18. Um bactriano conduz um camelo rabugento por uma corda. Persépolis, escadaria leste do *Apadana*. Fotografia de Laurent Galbrun.
 19. Prato de prata pertencente a Artaxerxes I. Uma inscrição em escrita

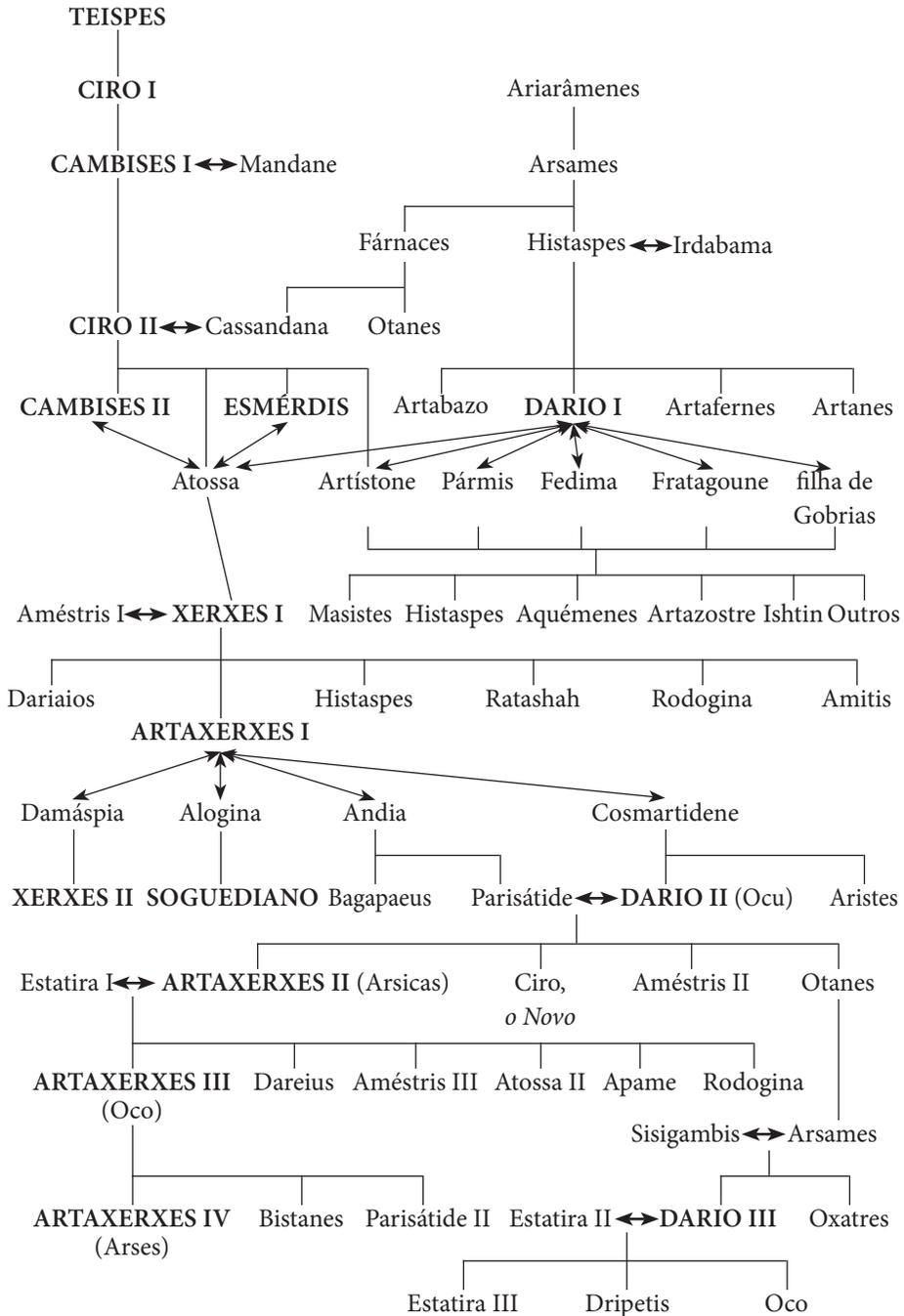
cuneiforme, na língua persa antiga, segue a toda a volta do interior da margem e lê-se: «Artaxerxes, o Grande Rei, Rei dos Reis, Rei das Terras, filho do rei Xerxes, Xerxes filho do rei Dario, o Aqueménida: na sua casa, esta taça de prata foi feita». Metropolitan Museum of Art, Rogers Fund, 1947. (Acesso Livre — CCo).

20. Ritão de prata (recipiente para beber com bocal no fundo), em forma de um íbex ajoelhado. Metropolitan Museum of Art, Doação do Norbert Schimmel Trust, 1989. (Acesso Livre — CCo).
21. Colorido painel mural de tijolos vitrificados, de Susa, retratando guarda-costas reais, ou «Imortais». Fotografia de Laurent Galbrun.
22. Os monarcas sassânidas associavam-se aos aqueménidas esculpindo enormes relevos perto dos túmulos dos seus ilustres antepassados em Naqsh-i Rostam. Fotografia de Laurent Galbrun.

O IMPÉRIO PERSA



A DINASTIA AQUÊMÉNIDA



PRÓLOGO

PERSÉPOLIS 488 A.C.



Se agora pensar: «Quantos são os países que o Rei Dario governou?», olhe para as esculturas daqueles que usam o trono, então saberá, então ser-lhe-á claro: a lança do homem persa chegou longe; então ser-lhe-á claro: o homem persa travou batalhas bem longe da Pérsia.

Inscrição da fachada do túmulo de Dario, *o Grande*

Durante o festival *Nowruz* da primavera de 488 a.C., altura em que os persas celebravam o seu Ano Novo com banquetes, festas e troca de prendas, Dario, Grande Rei, Rei dos Reis, Rei de Todas as Terras, o Aqueménida, sentou-se no seu trono no coração da sua cidade-palácio de Persépolis e magnanimamente recebeu a homenagem do seu império. Enormes trompetas de bronze rasgaram o ar com fanfarras triunfais, e uma orquestra de tambores, címbalos e *sistra*, acompanhada por harpas e liras, criaram uma marcha rítmica que anunciava o início das cerimónias resplandecentes centrais ao festival jubilante. Diplomatas estrangeiros viajaram de longe até Persépolis para trazer a Dario o seu tributo: vieram da Líbia, do Paquistão, da Estepe Euroasiática do Sul, Egito, Ásia Menor, Mesopotâmia, Síria e Índia; vieram transportando ouro, turquesa, lápis-lazúli, tapeçarias de lã, casacos de seda, túnicas de algodão e especiarias, e guiando cavalos, camelos, ovelhas e até leões para a majestosa sala do trono. Prostraram-se no chão em humildade abjeta em frente ao Grande Rei, agarraram-se à bainha do seu manto e beijaram-lhe lealmente os pés.

Dario, *o Grande*, satisfazia-se enormemente em inspecionar o seu império desta forma, à medida que embaixadores e diplomatas desfilavam perante ele, uma delegação a seguir a outra numa formação severa, revelando

as dádivas de tantas terras distantes. Deve ter sorrído com o seu sucesso, pois era de facto um rei poderoso, o governante sem rival dos Sete Climas. A prova da sua proeza estava mesmo ali, a marchar perante os seus olhos. Que importava se a pequena e esquelética Grécia evitara a captura e permanecia fora de alcance? Haveria outras oportunidades para vergar aquele maldito posto avançado de civilização. Além do mais, a demonstração do sucesso da construção do seu império desfilava perante ele, e, se fossem necessárias provas para a sua boa ordem e eficiência, Dario tinha apenas de observar a espetacular — e muito bem disciplinada — cerimónia de apresentação na qual os povos, seus súbditos, participavam tão prontamente. Pois não se tratava de escravos humilhados, atirados para o chão num terror opressivo e trémulo perante o seu soberano, mas os parceiros voluntários numa gloriosa empresa imperial. Eles ofereceram com entusiasmo a Dario a sua lealdade, o seu serviço e o seu tributo. Ou assim ele escolhia acreditar.

A cerimónia de oferendas diplomáticas era tão intrínseca à compreensão dele de império que Dario ordenou que fosse representada em relevos em pedra pintados nas escadarias que levavam à sua enorme sala de trono em Persépolis, o chamado *Apadana*. Em Naqsh-e Rostam, localidade vizinha, na fachada do seu túmulo de face rochosa, que encomendou em preparação para o dia em que iria inevitavelmente ser necessário, Dario ordenou que os seus artistas esculpissem uma variação do mesmo tema. Ele era mostrado no ato de veneração do seu protetor divino, o deus Ahura-Mazda, em cima de uma plataforma de trono (um *takht*, como era chamado na Pérsia) que se encontrava elevada bem acima das cabeças dos representantes dos vários povos do império num ato jubilante de colaboração recíproca. Era uma celebração visual da diversidade do império de Dario. Uma inscrição gravada na rocha em Persa Antigo cuneiforme convidava o espectador a contar as figuras que representavam as várias regiões geográficas que formavam o império (cada uma delas envergando o «traje nacional» para clarificar). Para se certificar de que não faltava nenhuma, o artista identificou-as com cuidado:

Este é o persa; este é o medo; este é o elamita; este é o parta; este é o ariano; este é o bactriano; este é o sogdiano; este é o corás-mio; este é o drangianiano; este é o aracosiano; este é o satagidiano; este é o gandarano; este é o indiano; este é o saca que bebe droga; este é o saca de Chapéu-Pontiagudo; este é o babilónio; este é o assírio; este é o árabe; este é o egípcio; este é o arménio; este é o capadócio; este é o sárdio; este é o jónio; este é o cita do

outro lado do mar; este é o trácio; este é o jónio que usa chapéu de sol; este é o líbio; este é o núbio. Este é o homem de Maka. Este é o cário. (DNe)

A retórica real apresentada no túmulo de Dario enfatizava a noção de que todas as nações conquistadas estavam unidas no serviço a ele, o Grande Rei, um rei guerreiro cuja «lança chegara muito longe», cujas leis eram obedecidas e cuja majestade eles mantinham. Dario, *o Grande*, era assim louvado não só como o «Grande Rei» e «Rei dos Reis», mas também «Rei dos países que contêm todo o tipo de homens», «Rei de muitos países», assim como «Rei por toda esta grande terra». Todos os povos súbditos eram colocados sob a governação de Dario, e ele tornava claro que não toleraria problemas nem admitiria resistência: «O que eu lhes disse», afirmou com seriedade, «eles fizeram, como foi meu desejo». Porém, ao projetar uma imagem de cooperação harmoniosa, Dario propôs que o seu império funcionava melhor quando reunido e unificado por um propósito. O império funcionava bem quando todos os povos que ele governava acreditavam na noção dele de «família». Quando cooperavam, beneficiavam inequivocamente da segurança da *Pax Persica* — a «Paz Persa».

Nas celebrações de Nowruz de 488 a.C., quando, aos 62 anos, Dario se sentou no trono e recebeu a homenagem dos embaixadores e aceitou as suas oferendas valiosas, o rei estava acompanhado do filho e sucessor escolhido, Xerxes. Este jovem, bem-parecido, de espírito independente e pio, já serviria na administração do império como sátrapa, ou governador regional, na Pártia, onde aprimorou as suas competências como burocrata (não havia nada que Dario admirasse mais do que um bom relator) e como juiz. Aos 30 anos, Xerxes estava agora de volta à corte ao lado do pai e funcionava como o herdeiro-eleito aqueménida. No entanto, não era o filho mais velho de Dario; nem sequer o segundo filho. Não, pois Dario tinha vários filhos muito mais velhos do que Xerxes. Estes homens tinham nascido de inúmeras mulheres do seu harém, mas Xerxes foi o primeiro rapaz a nascer depois de Dario ter ascendido ao trono persa, e, como tal, era apropriado que o império aqueménida passasse para ele, o primeiro bebé real nascido na família reinante. Além disso, através da sua mãe Atossa, estimada e inteligente, nas veias de Xerxes corria o sangue de Ciro, *o Grande*; isto já o tornava qualificado, mais do que qualquer um dos seus irmãos, para reinar. Dario estava confiante de que a linha aqueménida floresceria sob Xerxes, cuja consorte principal, Amétris, já dera à luz uma prole de rapazes saudáveis e que provaria vir a ser, ela mesma, uma matriarca dinástica contenciosa. Na primavera de 488 a.C., o futuro da família aqueménida estava garantido.

INTRODUÇÃO



Esta é uma história da antiga Pérsia. Não se trata de uma história da Pérsia como as outras (não que tenha havido muitas). Esta história usa fontes persas antigas genuínas e autóctones para nos contar uma história muito diferente daquela com que podemos estar familiarizados, a que foi moldada em relatos da Grécia Antiga. Esta história é contada pelos próprios persas. São os bastidores da história da Pérsia. É a Versão Persa da história da Pérsia.

O que emerge daqui é novo. Longe de serem os bárbaros da imaginação grega, os persas emergem aqui como cultural e socialmente sofisticados, economicamente fortes, militarmente poderosos e intelectualmente dotados. A Versão Persa (uma frase que retirei de um título de um «poema de conflito» de 1945 de Robert Graves) firma-nos numa nova realidade. Fornece-nos um entendimento original, por vezes surpreendente, do lugar da Pérsia na antiguidade e sublinha o contributo do Irão para a civilização mundial.

Neste livro, iremos viajar através do tempo e do espaço, mapeando a ascensão, expansão e consolidação do império persa a partir dos seus inícios modestos como sociedade tribal no sudoeste do Irão até à altura em que dominou o mundo como a primeira grande superpotência da História. Examinaremos as vidas dos seus monarcas, os Grandes Reis da Pérsia, os soberanos autocratas da poderosa família aqueménida, e exploraremos a forma como as políticas dinásticas afetaram o governo do império em geral. À medida que encontrarmos uma rica panóplia de personagens memoráveis — reis, rainhas, eunucos, soldados, prisioneiros, cobradores de impostos e concubinas —, faremos uma pausa para explorar o mundo que habitavam: as suas ideias religiosas, os seus pensamentos políticos, as suas aspirações

territoriais. Descobriremos como e onde viviam, o que comiam, como se vestiam, o que pensavam e como morriam. Este livro é, ao mesmo tempo, uma história política do primeiro grande império do antigo Irão e uma exploração sociocultural do mundo dos persas.

A criação do império persa possibilitou o primeiro contacto significativo e contínuo entre o Oriente e o Ocidente e preparou o terreno para os impérios posteriores da antiguidade. É impossível exagerar a sua importância na concepção do que um império mundial bem-sucedido deveria ser. O império persa abriu, pela primeira vez na História, um diálogo internacional, pois, de uma maneira geral, os persas foram déspotas iluminados. Eles usaram uma atitude surpreendentemente *laissez-faire* no que dizia respeito à sua autoridade imperial. Ao contrário dos romanos ou dos britânicos que se lhes seguiriam como imperialistas entusiastas, os persas não desejavam de todo impor a sua língua sobre os povos conquistados. Os colonos, soldados, mercadores e administradores britânicos transportaram o inglês da Rainha para todos os continentes e forçaram-no nas nações tomadas. Da Britânia à Síria, os romanos usaram o latim como língua de negócios, das finanças e da lei e ordem; para se ser alguém no império romano era necessário saber latim. Os persas nunca forçaram a sua língua aos seus povos súbditos. Preferiam usar línguas locais para os seus decretos e utilizavam o aramaico como uma espécie de *língua franca* por todos os territórios imperiais para ajudar a facilitar uma comunicação eficaz — imparcial. Também no reino da religião, os reis persas tinham cuidado em parecer defensores ativos de cultos locais, quanto mais não fosse para garantir o controlo de santuários ricos e a adesão de um clero poderoso. Até nas pequenas regiões administrativas, os persas concediam privilégios aos templos e reconheciam o apoio que os seus deuses locais lhes haviam dado. Nem era uma «aparência» persa imposta à arquitetura do império, como acontecia sob os romanos e os britânicos, uma marca visual utilizada pelos seus reinos. Esta mentalidade surpreendentemente moderna e iluminada pode ser resumida por uma única palavra em persa antigo que Dario, o Grande, usava para descrever o seu império: *vispazanānām* — «multicultural».

Inscrições imperiais da Pérsia antiga deliciam-se a enfatizar a diversidade do império (embora privilegiem sempre a Pérsia no seu âmago). Como diz uma inscrição de Dario, «este é o reino que mantenho, dos sacas que vivem para lá de Sogdiana, daí até à Etiópia, da Índia, daí até à longínqua Sparda» (DPh). Outro texto, descoberto em Persépolis, demarca a Pérsia como o centro do mundo, mas mostra que o império foi dado a Dario como dádiva por Ahura-Mazda, «o Senhor Sábio», a divindade principal do panteão persa, que confiou ao rei o seu presente mais precioso:

Ahura-Mazda é um grande deus. Fez Dario rei e deu ao Rei Dario o governo desta grande terra com vários territórios — Pérsia, Média e outras terras de outras línguas, das montanhas e das planícies, deste lado do oceano e do lado longínquo do oceano, e deste lado do deserto e do outro lado longínquo do deserto. (DPg)

Dario e os seus sucessores controlavam um império que se estendia da Pérsia ao Mar Mediterrâneo a ocidente e à Índia no oriente. Estendia-se para sul até ao Golfo de Omã e para norte até ao sul da Rússia. O império compreendia a Etiópia e a Líbia, o norte da Grécia e a Ásia Menor, o Afeganistão e o Punjab até ao Rio Indo. Era rico em inúmeras terras de cultivo. Cultivava-se cevada, tâmaras, lentilhas e trigo, e as terras do império estavam carregadas de materiais preciosos — cobre, chumbo, ouro, prata e lápis-lazúli. Não havia reino na terra que rivalizasse com a sua riqueza.

Os persas governaram o maior de todos os impérios do mundo antigo. Mais notável ainda, então, é a sua ascensão à grandeza. Ascendeu de um minúsculo território tribal no que é atualmente a província moderna de Fârs no sudoeste do Irão. Na antiga língua persa, a área era conhecida por «Pârs» ou «Pârsa». Isto foi mais tarde ouvido pelos gregos antigos como «Persis», e foi esse o nome que veio até nós como «Pérsia». A família reinante do império persa, o foco deste livro, eram os aqueménidas, que retiraram o seu nome de um fundador epónimo, «Aquémenes», um alegado antepassado tanto de Ciro, *o Grande*, como de Dario, *o Grande*. «Aquémenes» era também uma interpretação de um nome persa: «Haxāmanish» que, por sua vez, derivava das palavras em persa antigo *haxā-*, «amigo», e *manah*, «poder de reflexão». Formada a partir de um patronímico, a dinastia era conhecida pelos falantes de persa antigo como «Haxāmanishiya» — «Aqueménidas».

Através deste estudo, os nomes próprios aparecerão na sua forma latinizada (à exceção dos indivíduos conhecidos apenas de fontes persas; há um apêndice de nomes no final deste livro). Trata-se de uma solução expediente, se não necessariamente feliz, para a questão de encontrar uma forma de nos referirmos aos personagens principais da nossa história. Após séculos de familiarização, estamos mais à vontade com «Dario» (a versão latinizada do grego antigo «Dareíus»), do que com o genuíno persa antigo «Dārayavaush». É uma pena, pois os nomes persas eram ricos em significado e agiam como afirmações poderosas, destinadas a refletir a natureza e estatuto dos seus portadores. Além disso, os costumes e valores persas importantes refletiam-se

também em nomes próprios, dando-nos uma boa perspectiva sobre a mentalidade persa. Dārayavaush, por exemplo, significa «segurar o bem com firmeza», uma reflexão do seu papel de rei, certamente. O nome verdadeiro de Xerxes era Xshayarashā, que significa «governar heróis», enquanto os quatro reis conhecidos pelos gregos e romanos por «Artaxerxes» tinham o nome persa Artaxshaça — «cujo reino é decretado pela Verdade». Ciro sempre foi Kūrush — «humilhador do inimigo», um nome interessante para um rei cuja reputação foi edificada na justiça, tolerância e bondade.

O processo da latinização dos nomes persas é altamente sugestivo da forma como a história persa foi apropriada e depois escrita a partir de uma perspectiva totalmente ocidental. O facto de falarmos de um «Dario» e não de um «Dārayavaush» é um triste comprovativo do processo corruptivo da historiografia ocidental e da aniquilação de uma distinção cultural persa genuína.

Nomes e atribuir nomes é importante no que diz respeito à história persa. Tomemos o próprio nome «Pérsia». O seu uso pode ser altamente controverso. O que foi outrora conhecido no Ocidente como «Pérsia» é agora «Irão» (ou a República Islâmica do Irão, para dar ao país o seu título correto). No Ocidente atual, e em locais do Médio Oriente, o Irão é muitas vezes visto como um estado pária, um causador de problemas belicista na região mais instável do mundo. O Irão é concebido como o inimigo mortal do Ocidente e do imperialismo americano em especial. Para os ocidentais, o Irão é o mensageiro do terrorismo do Médio Oriente e o expoente máximo da opressão social. «Irão» tornou-se um palavrão. Através da sua associação com o regime islâmico que governa a nação-estado moderna, a cultura iraniana é também denegrida e condenada. Os iranianos estão bem cientes de como a sua imagem está a ser difundida para o mundo através dos títulos de notícias, documentários televisivos, artigos de revistas e a presença ubíqua das plataformas de redes sociais. Muitos iranianos têm orgulho no nome do seu país, mas têm vergonha das conotações que este acumulou desde a Revolução Islâmica de 1979. Os sentimentos em relação aos termos «Irão» e «Pérsia» estão num estado constante de fluxo, e, no discurso quotidiano, estas duas palavras muitas vezes sobrepõem-se e podem ser usadas como sinónimos. Entre os emigrantes pós-1979 que assentaram na América ou na Europa, tornou-se normal usar «Pérsia» para denotar um lugar e tempo «melhores» e uma identidade cultural mais sofisticada do que a agora oferecida pelo governo da República Islâmica. Pode pensar-se que uma simples fórmula — «Pérsia» para o período pré-islâmico e «Irão» para a era islâmica — seria uma solução pragmática para o problema de terminologia. Mas não, uma designação tão simplista não é suficiente.

Foi a 28 de dezembro de 1934 que um ministro britânico em Teerão, Sir

Hughe Montgomery Knatchbull-Hugessen, escreveu a George Rendel, o chefe do Departamento Oriental do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico, para dizer que: «Acabámos de receber uma nota absurda do governo persa.» Ele comentou: «Pede-nos para falar de “Irão” e “iranianos” em vez de “Pérsia” e “persas”.» Tendo refletido sobre o pedido, Rendel viu-se obrigado a responder a Knatchbull-Hugessen: «Pelo que sei, a pessoa originalmente responsável por isto é Heródoto, que, não sendo capaz de antever as sensibilidades do persa moderno, foi insuficientemente bem-educado nas suas referências a este país.»

Durante as celebrações de Nowruz de março de 1935, Reza Xá, o primeiro soberano da breve dinastia Pahlavi (1922-79), declarou que a palavra antiquada «Pérsia» deveria ser deixada de usar em referência ao país que governava. Em vez disso, optou por adotar a palavra «Irão». Reza Xá estava ciente de que, no imaginário ocidental, a «Pérsia» permanecera, desde o tempo de Heródoto, sinónimo de imagens de decadência, luxo e um certo atraso de pensamento. Os viajantes ocidentais à Pérsia expandiam a velha imagem e criavam nos seus relatos e memórias uma terra fantástica de mistério, sombras negras, lugares de intriga, governantes déspotas, mulheres escravizadas e riquezas para lá da imaginação. Reza Xá sabia dos clichés. Escreveu que: «Sempre que se diz ou escreve a palavra “Pérsia”, lembra de imediato aos estrangeiros a fraqueza, ignorância, miséria, falta de independência, condição desordeira e incapacidade que marcaram o último século da história persa.»

Em 1935, o Xá não tinha palavras para descrever a apropriação ocidental da imagem do seu país, pois foi apenas em 1978 que o académico Edward Said, nascido na Palestina, propôs famosamente uma teoria que Reza Xá poderia ter usado: «Orientalismo.» Esta ideia descreve um método pelo qual o discurso imperialista ocidental representou as «colónias» e culturas do mundo do Médio Oriente de uma forma que justificaria e apoiaria a empresa colonial do Ocidente. De forma mais sucinta, o Orientalismo é um meio idiossincrático de representar a «Alteridade». «O Oriente» é praticamente uma invenção europeia, e tem sido, desde a antiguidade, um lugar de romance, seres exóticos, memórias e paisagens assombradas, experiências notáveis. Reza Xá reconheceu que as conotações da palavra «Pérsia», derivada de um termo grego, enfraquecia o potencial do Irão no mundo moderno. «Irão» deriva do persa médio *ērān*, que era usado para se referir aos povos iranianos e, por extensão, ao seu próprio império. Os povos e lugares fora do Irão, tais como os gregos e os romanos, eram chamados *anērān* («não-Irão»). Reza Xá considerou «Irão» um título apropriado para o seu país, um nome enraizado na terra, na história e no povo.

Portanto, que palavra devemos usar — «Pérsia» ou «Irão»? «Pérsia» pode ser usado para descrever os reinos governados por vários monarcas, começando por Ciro II no século VI a.C. Como esse nome se refere a uma terra específica no sudoeste do planalto iraniano que era a terra natal da tribo aqueménida, descreve também, num sentido bastante restrito, o império aqueménida. Então, e o «Irão»? Trata-se igualmente de um termo aceitável. Da perspectiva da etnicidade, geografia e história, houve, desde tempos imemoriais, um «Irão Maior» que se estende do sul da Rússia, Ucrânia e a Bacia do Danúbio, através das Montanhas do Cáucaso, do Cáspio e na direção das vastas planícies da Ásia Central e a região escarpada do noroeste da Índia. Neste discurso, o império aqueménida (a «Pérsia» no sentido mais estrito) é, para todo os efeitos, um representante deste «Irão Maior». Tanto «Irão» como «Pérsia» serão usados neste livro. Não será passado julgamento sobre qualquer destas duas palavras.

Se o império persa foi uma entidade tão dominadora do mundo, definidora de uma era, então porque não foi dado aos persas antigos o lugar na história que eles merecem? Esta curiosidade pode ser parcialmente explicada pelo facto de, até aos inícios do século XIX, ninguém ter acesso a quaisquer fontes textuais genuínas do período aqueménida. Foi Henry Rawlinson, da Companhia das Índias Orientais, quem, em 1832, deduziu que a linguagem cuneiforme persa antiga era uma escrita fonética e a decifrou com sucesso. Em 1837, terminou a sua cópia da Inscrição de Beistum, um texto longo encomendado por Dario, o Grande, e enviou uma tradução dos seus parágrafos de abertura para a Royal Asiatic Society. Mas a segunda parte não apareceu até 1849, e a compreensão do persa antigo entre os académicos foi lenta. É verdade que a descodificação do persa antigo foi a chave necessária para decifrar os códigos do elamita, do babilónio e, em última análise, do acádio (a língua dos assírios), e a academia logo virou a sua atenção para a rica herança literária e epigráfica da Mesopotâmia, deixando os estudos persas para trás de forma miserável. Entretanto, a disciplina académica da assiriologia brotou e floresceu.

Em consequência, o império persa entrou na consciência histórica ocidental através, apenas, de duas fontes exteriores diferentes: a Bíblia Hebraica («Antigo Testamento») e as obras de autores clássicos gregos e romanos. De um modo geral, os textos bíblicos foram os promotores dos persas. Foram os Grandes Reis da Pérsia que libertaram os judeus do seu exílio babilónico e lhes permitiram regressar a casa para construir um novo (segundo) templo em Jerusalém, no lugar de veneração original do Rei Salomão. Na Bíblia,

os persas são servos de Deus, uma superpotência cooperante e apoiante que defende o direito dos judeus a uma terra natal. Os autores clássicos, no entanto, retratam a Pérsia de uma forma quase totalmente negativa. Os Grandes Reis são mostrados como sendo lascivos, caprichosos, tiranos loucos, e o império é considerado um desafio opressivo aos ideais gregos de «liberdade» (o que quer que isso signifique). Os gregos representam os persas como covardes, calculistas, efeminados, vingativos e desonrados. São o epítome do barbarismo.

Os persas e o seu vasto império exerceram bastante influência no imaginário grego. Os gregos eram obcecados com os seus poderosos vizinhos orientais. A arte grega contém um catálogo infinito de imagens dos persas, mostrando-os como déspotas mimados e soldados derrotados, e a literatura grega está repleta de pormenores sobre todo o tipo de diferentes exotocidades dos persas. Existem referências a nomes que soam a persas (mas falsos), referências a tributos, a leis, verdades, elevado consumo de álcool e ouro. Os gregos falam de frutos citrinos, camelos, cavalos, pavões, galos, caça a leões, jardins e sistemas rodoviários medidos em *parasangs*. Falam de grande riqueza, orgulho, arrogância e estilo de vida luxuoso exemplificado por roupas e têxteis caros, comida e bebida finas, talheres e louças luxuosas, leques e enxota-moscas e mobília em marfim. Existem rainhas, concubinas, haréns e eunucos, empalamentos, crucificações e muitas formas hediondas de tortura demorada. Este diretório ilimitado de «persianismos» ajudou a moldar a auto-identidade grega, embora dissesse muito pouco sobre a realidade da vida persa. A sociedade ateniense durante a idade clássica foi autoarquitetada para ser uma imagem espelhada da civilização persa. Os atenienses, ao que parece, estavam mais conscientes da sua «atenienseidade» quando imaginavam olhar para si próprios através de olhos persas. No quinto livro das suas *Histórias*, por exemplo, Heródoto descreveu a reação do Rei Dario ao incêndio de Sárdis, uma cidade ocupada pelos persas, durante a revolta jónica incitada por Atenas. Sem prestar atenção aos próprios jónios, o rei persa focou-se, desde o início, diz Heródoto, nos atenienses:

Dario perguntou quem eram os atenienses e, após obter a resposta, pediu o seu arco. Depois de o tomar e preparar uma seta, atirou em direção ao céu, e, à medida que ela voava para o céu, exclamou: «Ó Zeus, que me seja concedida a vingança sobre os atenienses.» Quando disse isto, ordenou a um dos seus assistentes que o lembrasse três vezes sempre que uma refeição fosse posta em frente a ele: «Senhor, lembrai-vos dos atenienses.»

Apenas um grego — e um pró-ateniense — poderia ter composto tal cena. É bastante improvável que Dario tenha sequer dado *muita* importância aos atenienses longínquos; tinha coisas muito mais importantes em mente, como a Cítia e a Índia. Mas a estória informa-nos de forma muito clara sobre o sentido de orgulho inchado e autoimportância inflamada dos atenienses. Visualizarem-se a Némesis angustiante do Grande Rei dava aos atenienses um sentido de valor.

Heródoto levou esta ideia ainda mais longe. Segundo ele, foi a memória do apoio ateniense à Revolta Jónica que motivou as campanhas persas contra a Grécia em 490 e 480 a.C. Esta última expedição é particularmente notável pois, apesar de Xerxes ter agora sucedido ao seu pai como monarca, Heródoto continuava a dar ênfase à profundidade com a qual Atenas penetrara na memória de Dario. Foi esta última expedição o foco do grande drama trágico de Ésquilo, *Persas*, de 472 a.C., no qual Xerxes é caracterizado como um tirano monstruoso que tenta aniquilar as liberdades desfrutadas por Atenas e cidades-estado gregas. A subsequente retirada fortuita das forças avassaladoras dos déspotas aqueménidas tornou-se algo a celebrar na poesia, arte e novas histórias narrativas, tais como as elaboradas por Heródoto.

Contudo, uma análise mais profunda revela que o Xerxes de Heródoto é uma personagem com uma complexidade intensa. A sua brutalidade fanfarrona alterna com amuos infantis e explosões inesperadas e piegas de lágrimas. Um dos incidentes mais significativos e inesperados nas *Histórias*, que tem a subtilidade sensível da verdadeira grande escrita de ficção, acontece quando Xerxes, fazendo a revista da armada de navios que juntou para a invasão da Grécia, desaba e chora lágrimas genuínas. É «dominado» (como explica Heródoto) «pela piedade, pois ponderou sobre a brevidade da existência humana» e acha tudo demasiado perturbador. Para um déspota, cuja indiferença casual perante a humanidade é salientada durante as *Histórias*, possuir tanta empatia em relação à certeza da morte é uma invenção psicológica notável por parte de Heródoto. O pesadelo de um líder psicopata (agora para cima, depois para baixo) à frente de um estado autoritário brutalmente centralizado tornou-se uma imagem que abanou os democratas liberais desde que Heródoto a criou. Mas tem muito pouco que ver com o Xerxes *real* da «Versão Persa».

Isso não significa que a visão de Heródoto da história persa deva ser completamente descartada como uma série de contos morais engendrados. Não; Heródoto nasceu, afinal, como súbdito dos persas — a sua cidade-natal de Halicarnasso fazia parte do império persa — e deve ter tido algum

entendimento de como (partes de) o império persa funcionava. Lembrava-se certamente de estórias persas que circulavam durante a sua vida, e é possível extrair das *Histórias* materiais persas genuínos, informativos e esclarecedores. No entanto, este processo deve ser conduzido com atenção. A agenda principal de Heródoto era mostrar aquele espelho aos persas. O reflexo resultante mostrava que os persas eram o inverso — a verdadeira antítese — dos gregos. Os persas eram os derradeiros «Outros».

Havia outros autores gregos que escreveram mais ou menos na mesma altura que Heródoto. Algumas das suas obras foram enriquecidas por envolvimento mais diretos com os persas. Xenofonte, por exemplo, marchou da Grécia para a Babilónia como parte de um exército mercenário pago pelo Príncipe Ciro, o Novo, em 401 a.C. As suas obras, a *Anabasis* («A Expedição») e *Cyropaedia* («A Educação de Ciro»), são relatos úteis em primeira mão da visão de um soldado sobre os persas, embora também Xenofonte não pudesse evitar fazer uma leitura algo pejorativa do seu tema. De uso mais direto são os escritos de Ctésias de Cnido, um médico grego que serviu como médico real no coração da corte persa durante o reinado de Artaxerxes II. Durante 17 anos, Ctésias esteve próximo da família real e aprendeu a falar persa. Conversou com a nobreza aqueménida e reuniu relatos em primeira mão das suas histórias de família e tradições dinásticas. O seu grande *bestseller*, *Persika* («Coisas Persas», que infelizmente sobreviveu apenas em fragmentos), apresentava uma história única da Pérsia do ponto de vista de alguém no seu seio. Ctésias transmitiu histórias, fábulas e lendas que eram contadas, recitadas e representadas nos salões da elite persa. Outrora considerado pelos académicos como nada mais do que um contador de historietas, Ctésias é agora reconhecido por dar um importante contributo ao nosso entendimento de como a «história» era abordada pelos persas.

De cerca de 550 a.C. à era de Alexandre, o Grande, na década de 330 a.C., cada geração sucessiva de gregos tinha a sua forma particular de reconfirmar, consoante necessário, a identidade helénica contra a ameaça sempre mutável, mas sempre presente, da Pérsia. A obsessão grega com os persas focava-se em minimizar a sua credibilidade como superpotência. A difamação dos persas — por vilificação ou sátira — pretendia cauterizar as feridas da angústia e do medo provocadas pelas ameaças e realidades de ser vizinho de um império cujas ambições territoriais eram bastante reais e que não mostravam qualquer sinal de alguma vez abrandarem. Para aumentar o moral grego, uma série do que podem ser designadas imagens «catárticas» foi criada em palco, na escultura e nas outras artes. Estas denegriam, degradavam e rebaixavam os persas e confirmavam a primazia grega (em

especial a ateniense). Um desses objetos é um jarro de vinho com figuras vermelhas datado de meados da década de 460 a.C. Conhecido por «Vaso de Eurimedonte», mostra um soldado persa humilhado debruçado pela cinta. O traseiro dele é oferecido a um soldado ateniense sórdido que está de pé com o pênis ereto na mão, avançando para a frente para penetrar o traseiro do persa. A cena de violação pintada (pois é disso que se trata) foi criada como «peça comemorativa» na altura em que os atenienses celebravam uma vitória sobre forças persas na batalha do Rio Eurimedonte na Ásia Menor em 467 a.C. Foi usado numa espécie de festa alcoólica, provavelmente uma reunião de soldados. À medida que o jarro era passado por um grupo de hoplitas — o equivalente grego de soldados —, o vinho fluía e as piadas obscenas começavam a voar. Também o persa no vaso era manuseado de soldado em soldado. À medida que cada bebedor agarrava no jarro, voltava a representar o drama da cena: «Agora sou Eurimedonte», gabava-se ele. «Olhem para mim, a sodomizar este persa!» A imagem no vaso é uma visualização perceptiva do humor dos soldados, embora seja altamente provável que a cena refletisse uma realidade vivida. Afinal, a violação pós-batalha dos soldados derrotados nunca se tratou apenas de uma fantasia de um jogo de bebida. O vaso de Eurimedonte era uma expressão da mundividência ateniense da década de 460 a.C. Tratava-se de uma piada bem apontada sobre acontecimentos políticos e militares recentes, inesperados, mas fortuitos, que demonstravam a superioridade natural dos gregos sobre os persas bárbaros.



ILUSTRAÇÃO 1. Um hoplita grego prepara-se para violar um soldado persa. («Vaso de Eurimedonte»), um oinochoe ático de figuras vermelhas, um jarro de vinho atribuído ao círculo do Pintor Triptolémo, c. 460 a.C.

Onde é que esta imagem de um persa humilhado, derrotado, defunto nos leva? Leva-nos diretamente à era do Iluminismo europeu, quando os intelectuais começaram a teorizar sobre o porquê de o Ocidente se ter tornado tão dominante na ordem mundial e ter tido tanto sucesso na expansão da civilização branca. Chegaram a uma teoria radical: a superioridade europeia vinha não do Cristianismo, como fora pensado anteriormente durante a Idade Média e Renascimento, mas de uma tradição cultural que começara na Grécia Antiga. Os gregos, estipularam eles, inventaram a liberdade e a racionalidade. Roma espalhou então estes dons preciosos pela Europa numa série de conquistas imperiais civilizadoras. Outras culturas nas franjas da Grécia e de Roma eram bárbaras, e os piores e mais ameaçadores de todos os bárbaros eram os persas, com a sua demanda pelo domínio mundial. Isto ia contra a ordem natural da supremacia branca. Charles-Louis de Montesquieu deu voz ao conceito nas suas *Cartas Persas* de 1721: «A liberdade», escreveu ele, «era para o génio das raças europeias, e a escravatura para os asiáticos.» O historiador escocês John Gillies expandiu este pensamento em 1787, afirmando que os persas «escravizaram os gregos da Ásia Menor e, pela primeira vez, ameaçaram a Europa com os terrores do despotismo asiático». Ao longo das décadas e nos novos séculos, tornou-se o «Fardo do Homem Branco» (como Rudyard Kipling explicou) espalhar os benefícios da cultura helénica que nos deu a liberdade por todo o planeta, para a melhoria de todas as raças e para manter os bárbaros à distância.

Em setembro de 1889, George Nathaniel Curzon, um jovem Membro Britânico do Parlamento com um grande destino, iniciou uma *tournee* de três meses pela Pérsia (a sua única visita ao país). Enquanto passeava por Persépolis, emocionou-se com o que encontrou, considerando as ruínas uma «solene lição das eras». A «lição» era, obviamente, uma de *húbris* — os persas, certificou ele, eram incapazes de compreender que «não tinham as qualidades necessárias para manter um império», nem para governá-lo de forma eficaz. O longo declínio e queda persas eram inevitáveis, opinou Curzon, mas necessitava de um grego da estatura de Alexandre para realizar o seu fim predestinado. Curzon notou na sua obra grandiosa de dois volumes *Persia and the Persian Question* (muitas vezes considerada a candidatura a um emprego mais longa da história; a posição era o posto cobiçado de Vice-rei da Índia) que achou espantosa a resistência persa e indiana ao colonialismo ocidental: «O asiático normal desejaria mais depressa ser mal governado por asiáticos do que bem governado por europeus», escreveu ele, algo confuso.

Curzon era um produto bem-sucedido do *locus classicus* de uma forma

distintivamente *britânica* de filo-helenismo: o sistema educativo privado da elite inglesa. Estas instituições frequentadas apenas por homens, fábricas de privilégio, onde juizes seniores, altos funcionários públicos e diplomatas do Ministério dos Negócios Estrangeiros eram manufaturados numa linha de produção, incorporavam tradicionalmente os clássicos no coração dos seus currículos. A língua e literatura do grego antigo eram consideradas pedras de toque da educação, e o grego era usado para inculcar a geração seguinte de administradores imperiais britânicos. De modo significativo, o conhecimento da língua e história gregas circulava apenas entre esta elite britânica mais privilegiada (na sua maioria homens). Winston Churchill disse celebrenmente que permitiria que os rapazes da escola «aprendessem latim como uma honra, e grego como um regalo». Todavia, por detrás deste *bon mot* familiar encontrava-se o compromisso de Churchill com o uso dos clássicos como forma de distanciamento social. Era uma técnica poderosa na qual se podia confiar para manter as classes bem separadas e, por extensão, melhorar os processos de construção do império, ao iniciar apenas o escalão mais alto da sociedade nos seus mistérios. O classicista H. D. F. Kitto, ele próprio um produto do sistema educativo privado britânico e autor de uma (ainda *bestseller*) introdução de 1951 à história grega, convidou os seus leitores «a aceitar... como afirmação de facto razoável» que os gregos «possuíam uma conceção totalmente nova do propósito da vida humana, e mostraram pela primeira vez o propósito da mente humana».

O que emergiu deste longo legado de filo-helenismo imperializado foi uma série de premissas prejudiciais e uma conclusão nociva — que a Grécia clássica se tratou de um momento excecional na história mundial e que o Ocidente beneficiou de forma inquestionável em ser herdeiro da cultura grega. Esse legado moldou histórias nacionais. Escrevendo em 1867, o filósofo britânico e economista político John Stuart Mill alegou que, «mesmo enquanto acontecimento na história britânica», a batalha de Maratona, travada entre os gregos e os persas em 490 a.C., «é mais importante do que a batalha de Hastings». Declarou que «os verdadeiros antepassados das nações europeias não são os de cujo sangue brotaram, mas os de quem deriva a porção mais rica da sua herança». Os ocidentais viam-se como herdeiros diretos do milagre da civilização grega. Era-lhes lógico, portanto, afirmar que a cultura ocidental também devesse ser excecional. Por dedução, as culturas privadas do legado do helenismo clássico teriam de ser civilizações menores em termos de pensamento racional e governança, unidade de propósito, inteligência e ambição. A imagem da Grécia antiga de uma Pérsia decadente e déspota foi reutilizada para representar as inadequações e incapacidades de todos os não-europeus.

Este entendimento perverso de uma hierarquia de competência cultural continua a ser proposto. Um académico alemão proeminente do mundo greco-romano, Hermann Bengston, por exemplo, enraizou a sua carreira académica na promoção deste mito trivial de superioridade ocidental. Recentemente, sentiu-se compelido a escrever que:

As ramificações do triunfo grego sobre os persas são praticamente incalculáveis. Ao repudiar o assalto do Oriente, os heleenos traçaram o desenvolvimento político e cultural do Ocidente. Com a luta triunfante pela liberdade por parte dos gregos, nasceu a Europa, tanto enquanto conceito quanto como realidade. A liberdade que permitiu à cultura grega ascender aos modelos clássicos na arte, teatro, filosofia e historiografia, a Europa deve aos que lutaram em Salamina e Plateias. Se nos considerarmos atualmente um povo de livres-pensadores, foram os gregos quem criaram as condições para tal.

Podemos acrescentar a esta a voz de Andrew Bayliss, historiador da Universidade de Birmingham, que, em 2020, no aniversário da Batalha das Termópilas, travada em 480 a.C. entre os persas de Xerxes e as forças combinadas das cidades-estado gregas, advogou que:

O grande legado das Termópilas foi a chamada «Idade de Ouro»... Se os persas tivessem conseguido destruir permanentemente Atenas, teriam abafado a democracia ateniense inexistente, e não nos maravilharíamos hoje com a magnificência do Pártenon na acrópole de Atenas, nem seríamos capazes de ler as grandes obras de literatura de figuras como... Tucídides..., Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Aristófanes... e Platão. Nada disso teria sido possível sem a inspiração que [o rei espartano] Leónidas e os seus homens deram na sua defesa pela liberdade.

Estes sentimentos são tão imperfeitos quanto falsos. Os persas nunca quiseram destruir a «democracia» (o que quer que «democracia» signifique no seu contexto antigo). Na verdade, muitas cidades-estado gregas jónicas continuaram a praticar «democracia» sob o domínio persa — afinal, os persas reconheceram a antipatia dos gregos jónicos por tiranos autocráticos e de bom grado os substituíram por democracias. Se os aqueménidas tivessem trazido os gregos do continente para o seu império, sem dúvida teriam

tolerado ali a democracia também. Até poderiam tê-la encorajado. Uma vitória persa sobre Esparta — o estado escravagista mais opressor da liberdade da antiguidade — teria sido uma vitória para a liberdade. Teria posto fim ao domínio praticamente terrorista de Esparta sobre o resto da Grécia. A ideia de que os persas inibiram e atrasaram o desenvolvimento cultural da Europa é absurda.

Desde a era das Guerras Greco-Persas, os próprios persas têm sido alvo de uma campanha difamatória historiográfica na qual foram retratados como os opressores tirânicos do mundo livre. O compromisso intelectual do Ocidente com a promoção da sua própria suposta singularidade e superioridade tem sido muito prejudicial para o estudo da história da Pérsia. Está na altura de retificar a distorção injuriosa de longa data que os persas sofreram dando ouvidos a uma voz persa antiga genuína.

Como se pode, então, ter acesso à Versão Persa, quando parece que as fontes estão a trabalhar contra nós? Afinal, os persas nunca escreveram uma história narrativa como os gregos fizeram. Não existiu uma Versão Persa de Heródoto, Tucídides ou Xenofonte. Isso significa que os persas não possuíam um sentido do seu passado? Não contemplavam o seu lugar no progresso da história? A ausência de uma narrativa histórica não equivale à ideia de que os persas não compreendiam nem reagiam à sua história. Os persas conheciam a sua história, mas escolheram lembrá-la de forma diferente. O passado persa foi transmitido através de canções, poesia, fábulas e lendas. Era uma história performativa.

Uma característica importante da rica cultura oral do Próximo Oriente antigo em geral era uma verdadeira *antipatia* por factos exatos ou datas específicas. Persas, babilónios e assírios compreendiam o seu passado em termos dos seus mitos, em especial as histórias da criação, e os grandes contos de deuses, heróis e reis. A monarquia como uma manifestação da vontade divina estava no centro do conceito do Próximo Oriente da progressão histórica, e os verdadeiros pormenores dos acontecimentos históricos eram de menor interesse que o *padrão* pelo qual o passado era explicado em relação aos acontecimentos míticos. A «história» era o resultado das atividades dos deuses que desencadeavam os acontecimentos. A perseguição antiga de um padrão coerente para compreender a história significava que um sentido do «que realmente aconteceu» na «história» conseguia-se apenas à luz do resultado dos acontecimentos. O fator decisivo da compreensão do Próximo Oriente do processo histórico era a retrospeção. Para os persas, a história do

seu império era desencadeada pelos deuses. A sua demanda por território foi bem-sucedida pois Ahura-Mazda ordenou que assim fosse. Portanto, podemos encontrar um registo persa autêntico do passado persa? A resposta para essa pergunta é um simples «sim».

A Versão Persa está em todo o lado. Não temos por onde escolher as nossas fontes, como tal, embora o material não possa ser encontrado num formato narrativo contínuo, a história vista a partir do interior da Pérsia pode ser construída a partir de várias fontes espalhadas. Os historiadores do mundo antigo demoraram bastante tempo a reconhecer que os persas podem ser abordados a partir dos seus próprios materiais autóctones. Agora que o reconhecemos, os persas podem ser libertados da tradição clássica.

A história persa é um puzzle enorme que requer uma montagem paciente e alguma colaboração lúcida. Há peças em falta, e há falhas nos cantos, mas, no geral, a imagem que emerge das provas persas verdadeiras é esclarecedora. Trata-se também de um campo de exploração tremendamente excitante no qual se pode encontrar — e assim será — um sortido estonteante de fontes.

Começemos pela linguagem da antiga Pérsia. Os persas aqueménidas falavam uma forma antiga do farsi moderno (ou «Novo Persa») chamado «Velho Persa». Era escrito em escrita cuneiforme, a forma mesopotâmica antiga e honrada pelo tempo da escrita angulosa. Na forma escrita, podia ser pressionada em tabuinhas humedecidas de argila ou gravada em superfícies duras, como pedra, lápis-lazúli, alabastro e até ouro e prata. Era uma língua usada para a composição de declarações públicas, oficiais e reais, e virtualmente todos os textos em persa antigo que sobrevivem foram encontrados inscritos em edifícios ou outros monumentos reais. São muitas vezes acompanhados por uma tradução do mesmo texto noutra língua — acadiano, egípcio ou elamita. As inscrições em persa antigo tendem a ser repetitivas em termos de carácter, apresentando uma ideologia real e promovendo o poder imperial. Uma exceção, a chamada Inscrição de Beistum de Dario I, é inscrita numa face rochosa com vista para a estrada principal entre a planície mesopotâmica e Ecbátana (a Hamadã moderna) na Média. Fornece mais uma história narrativa da ascensão de Dario ao trono, como iremos explorar. As inscrições repetitivas reiteram afirmações ideológicas e são fontes importantes para o nosso entendimento de como se encaravam os reis aqueménidas. Os textos em persa antigo proclamam as qualidades heroicas e militarísticas dos monarcas e posicionam os seus sucessos na sombra de Ahura-Mazda, o grande deus dos aqueménidas. Outros textos cuneiformes em elamita e acadiano dão força ao nosso conhecimento da história persa, e também o

Egito ofereceu informação sobre o reinado persa em textos hieroglíficos e demóticos localizados. Inscções escritas em grego, lídio e frígio confirmam a expansão geográfica do império e a diversidade de línguas faladas dentro das suas fronteiras.

De todas as línguas do império persa, a mais difundida não era o persa antigo, mas sim o aramaico. Esta língua semita antiga fora bastante usada pelo Próximo Oriente no século VIII a.C. e usada pelos assírios como um método eficaz de comunicação internacional. Os persas usavam-na como a língua da diplomacia e da administração, fazendo com que servisse o mesmo propósito que o latim serviria mais tarde na Idade Média, ao tornar-se a língua franca do império persa. Todos os homens instruídos, diplomatas e escribas eram fluentes em aramaico, e a sua eficácia como ferramenta burocrática pode ser vista no facto de a língua continuar a funcionar no Próximo Oriente durante o período helénico e bem depois (o aramaico era a língua que Jesus de Nazaré falava na Judeia ocupada pelos romanos no século I a.C.). O aramaico era fácil de ler e escrever (tratava-se de uma escrita cursiva fluida) e podia ser escrevinhada em tinta em papiro, madeira, pedaços de cerâmica partida, osso ou outras superfícies facilmente transportáveis. Por este motivo, descobriram-se documentos em aramaico do período aqueménida em locais tão longínquos como o sul do Egito e a Bactriana oriental (Tadjiquistão e Uzbequistão modernos). Era uma verdadeira língua universal.

O nosso entendimento das línguas cuneiformes do Próximo Oriente significa que temos acesso a material único à Pérsia. Durante escavações em Persépolis na década de 1930, os arqueólogos desenterraram um tesouro de documentos escritos e guardados no centro da burocracia aqueménida. Conhecidos pelos textos do Tesouro de Persépolis e tabuinhas da Fortificação de Persépolis (devido aos locais onde foram descobertos), cerca de 30.000 tabuinhas em argila cozida foram desenterradas, datando de entre 492 e 458 a.C. — ou seja, dos finais do reinado de Dario I até aos primeiros anos do reinado de Artaxerxes I. A maioria era escrita em cuneiforme elamita, a língua da chancelaria persa, e lidava com transações económicas (principalmente rações de alimentos), embora umas quantas fossem em aramaico, frígio, persa antigo e até grego. Tanto as tabuinhas elamitas como as aramaicas possuem impressões de selos cilíndricos (normalmente de um ou dois selos, mas às vezes mais) carimbados na argila molhada. As tabuinhas e os selos oferecem uma perspetiva fantástica sobre a vida e trabalho em Persépolis e os seus arredores imediatos no século V a.C., fornecendo um Quem é Quem das pessoas que viviam e trabalhavam no e em volta do palácio e provas do funcionamento do sistema administrativo. As tabuinhas registam todo o tipo

de rações de alimentos para trabalhadores (homens, mulheres e crianças), sacerdotes e autoridades religiosas (algumas das quais usadas para sacrifícios), para a nobreza persa e para a família real. A coleção de tabuinhas é uma base de dados incrivelmente rica para a compreensão da complexa burocracia da administração aqueménida, salientando métodos de taxação, sistemas de armazenamento, propriedades agrícolas, dieta, organização dos povoados e rotas de viagem — materiais íntimos da vida persa completamente ignorados nas fontes gregas.

A arqueologia é um campo importante dos estudos contemporâneos do Irão antigo. O trabalho de campo realizado no Irão desde a década de 1930 iluminou bastante a cultura material do período aqueménida, com escavações em Persépolis, Pasárgada, Susa e Ecbátana — os grandes centros imperiais — reunindo a maior parte da atenção. A exploração arqueológica dos territórios imperiais tem sido menos sistemática, embora esteja a ser dada agora mais atenção aos níveis arqueológicos do período aqueménida em locais como Sárdis e Dascylium na Turquia, assim como locais no Levante e na Ásia Central. Escavações recentes na Geórgia estão a revelar provas de contacto próximo entre o coração da Pérsia e esta área periférica do império, e, em anos recentes, os egiptólogos têm-se virado com um entusiasmo crescente para os vestígios da dinastia persa do Egito, descobrindo locais previamente desconhecidos no Delta do Nilo e no Oásis de Carga. À medida que os arqueólogos descobrem e avaliam mais provas da diversidade da vida nas províncias imperiais, também a nossa imagem da natureza do império persa se expande.

A exploração da arte aqueménida, que emerge da arqueologia, confirma que se tratava de uma mistura eclética de estilos e temas retirados de várias partes do império, fundidos para produzir uma aparência «persa» distinta e harmoniosa. Os temas egípcios e assírios (como discos alados e génios alados, desenhos de frontões e até métodos de representar a figura humana) eram frequentemente misturados, para que se possa dizer que a arte aqueménida reflete numa forma material tanto a diversidade como a unidade do império como um todo. A arte do império aqueménida servia um propósito primário: confirmava a ideologia monárquica da unidade do império e promovia a imagem do monarca. De certa forma, toda a arte aqueménida era arte real, já que os temas criados para a glorificação do rei encontram-se uma e outra vez em quase todos os artefactos persas materiais. Estes abrangem de esculturas gigantes esculpidas na rocha — tais como as encontradas em Beistum ou os túmulos dos reis em Naqsh-e Rostam e Persépolis — a gravações minúsculas encontradas em pedras preciosas e selos.

Usar o rico sortido de fontes materiais para compreender a Versão Persa do passado antigo do Irão só pode ser algo de bom. Mas devemos reconhecer que esta abordagem possui também os seus problemas e armadilhas. As fontes criadas dentro do Irão, pelos e para os persas e os seus povos súbditos, não estão livres de hipérbole, preconceitos ou falsidades. Atrás de cada fonte persa autóctone — texto, imagem ou artefacto — reside uma agenda imperial. A Versão Persa da história projeta a sua própria variedade de manipulação histórica.

Portanto, à superfície, as inscrições reais de Dario sublinham que está tudo bem pelo império:

Sou Dario, o Grande Rei, Rei dos Reis, Rei de Todas as Nações,
Rei desta Terra, filho de Histaspes, um Aqueménida. O Rei
Dario diz: quando Ahura-Mazda me fez rei desta terra, pela gra-
ça de Ahura-Mazda tornei tudo ordeiro. (DSz)

Mas estaria tudo tão «ordeiro» quanto ele insiste? Seria o império realmente uma terra de harmonia? Uma terra de abundância? Os territórios imperiais eram uma massa de terra contígua, é certo, e, à vista, o império beneficiava decerto da unidade do sistema persa (as estradas eram excelentes, e as infraestruturas de comunicação eram muito avançadas e serviam bem o império, como veremos mais à frente em maior detalhe). Porém, o império persa era perturbadoramente vulnerável nas suas fronteiras, que eram, geograficamente, muito afastadas do coração imperial no Irão. As terras fronteiriças e o interior distante eram frequentemente os locais de revoltas contra o monarca ou os seus governadores. Além do mais, a população do império, enorme como era, era composta principalmente por camponeses iletrados, sem competências e que sobreviviam com dificuldades com a agricultura de subsistência. A maioria das pessoas vivia na pobreza abjeta, e os seus minúsculos pedaços de terra contribuía pouco para a riqueza do império. Nem as vastas extensões de terra compostas por desertos inóspitos e áridos, lagos de sal, tundra varrida pelo vento ou montanhas com faces rochosas traziam benefícios para o império. Inabitáveis, inapropriados para transporte e certamente não-lucrativos, estes territórios eram um fardo que não se podia descartar para o império persa como um todo.

É crucial reconhecermos desde o início que Dario, como todos os

Grandes Reis da Pérsia, era um profissional das relações públicas. Elaborou uma campanha de propaganda bem-organizada e eficaz e encomendou inscrições e imagens para persuadir mais do que para informar. Dario, o Grande, era um propagandista hábil. Nos muros dos seus palácios em Persépolis, Susa e Babilónia, encomendou de forma bastante inteligente uma imagem do mundo como este nunca fora na realidade. O império persa foi criado — todos os impérios o são — através da conquista militar. As realidades de construir e manter um império, mesmo um tão (à superfície) tolerante como o persa, significava fazer coisas bastante horríficas. A carnificina e a violência são a imagem de marca de qualquer ocupação forçada, de qualquer tipo de empreendimento imperial e, neste aspeto, os persas cometeram atrocidades como parte do processo. Os soldados treinados para matar cometiam voluntariamente violência extrema em nome do imperialismo persa. Os persas podiam ser implacáveis quando provocados ou desafiados, e os súbditos e estados rebeldes eram tratados com opressão implacável. Populações inteiras eram retiradas das suas terras e deportadas para locais diferentes do outro lado do império. As suas cidades, vilas e templos sagrados eram queimados e destruídos. A pilhagem e a destruição gratuita de gado era comum, assim como a tomada de reféns, crianças e prisioneiras, muitas vezes violadas e vendidas como escravas. Existia tortura e mutilação: cabelos arrancados das cabeças de prisioneiros, barbas separadas da pele, arrancar de olhos, cortes de narizes e orelhas, sovas, sodomia, inúmeras violações. Populações inteiras eram mortas pela espada.

Porém, enquanto as notícias desta violenta expansão militar persa causava terror nos corações das pessoas por todo o Próximo Oriente e Mediterrâneo, em Persépolis e outros locais palacianos artistas oriundos de todo o império criavam fantasias em calcário, ouro e mármore para Dario. Uma propaganda elegantemente esculpida e pintada avançava a visão dele de harmonia imperial. O paradoxo entre a realidade da construção do império e a arte e retórica da *Pax Persica* não pode ser ignorado. Mas, para dar aos persas o seu reconhecimento merecido, mesmo o facto de ter concebido um império que se dirigia a este ideal harmonioso era algo sem paralelo no mundo antigo. Os assírios e romanos nunca alcançaram este nível de auto-consciência. Nem os britânicos. O sonho de uma Paz Persa permanece como um tributo instável à mentalidade da Pérsia antiga.

Os aqueménidas reinaram de forma suprema sobre o seu império. Não tinham pares contemporâneos e não havia concorrentes às suas ambições territoriais. Apesar de (como iremos explorar) revoltas internas, problemas fronteiriços, lutas sucessórias, assassínios e até regicídios, o império aqueménida

agarrou-se aos seus vastos territórios e várias populações súbditas por mais de dois séculos. O império persa nunca passou por um lento processo de declínio e eventual colapso, nem seguiu qualquer cenário familiar de «Ascensão e Queda» que pode ser analisado noutros impérios. Quando o seu fim chegou, com as conquistas de Alexandre da Macedónia no final da década de 330 a.C., foi rápido e completamente inesperado. Dario III, o último Grande Rei aqueménida, governava um império funcional, rico e seguro como fora 150 anos antes.

A questão que inevitavelmente se levanta destes factos não é, portanto, porque chegou o império persa a um fim, mas sim como se manteve com sucesso por tanto tempo? Existe uma resposta fundamental para esta questão: a família aqueménida nunca perdeu o seu domínio exclusivo sobre a monarquia. O império persa nunca teve de lidar com dinastias opositoras que pusessem em perigo a união do estado. Os aqueménidas governaram o seu império como um negócio de família que, sob uma gestão cuidadosa, amadureceu, estabilizou e deu dividendos ao longo do tempo. Cada rei passou ao seu herdeiro masculino escolhido as competências para um bom governo. As mulheres da dinastia guardavam cuidadosamente a pureza da linhagem e mantinham a eficácia de um programa de procriação real ao produzir filhos para servir como sátrapas e oficiais do exército, e filhas para casar com as famílias da elite persa ou para serem noivas de príncipes estrangeiros. Portanto, a vitalidade do período de fundação do império sob Ciro, o Grande, e Cambises II nunca deu lugar a uma estagnação ou declínio terminal, antes mantendo-se em alta durante uma repetida consolidação imperial. É verdade que existiram rebeliões no interior da casa imperial, mas focaram-se apenas em quem se deveria sentar no trono como cabeça da «firma» da família aqueménida, e não para estabelecer estados separatistas.

Os aqueménidas eram uma família de reis. O rei era uma versão glorificada de um pai de família. Referiam-se a si próprios como *vith*, palavra em persa antigo que significa «dinastia», «casa» e «família». Como todas as dinastias reais, os aqueménidas ampliavam com frequência os apuros quotidianos da vida familiar. Apresentavam todo o tipo de desejos humanos, fracassos e forças, se bem que de uma forma exagerada. Entre os parentes dinásticos, a rivalidade era bastante mais comum do que o afeto, e a hostilidade muito mais familiar do que o amor. Estas experiências tinham consequências na manutenção do império persa em geral, como este livro mostrará. No centro do nosso estudo encontra-se o conceito poderoso e monolítico da «dinastia» em si. Iremos explorar a história da antiga Pérsia pelo prisma da família aqueménida, pois foram os traços de carácter dos reis, juntamente com os modos

como interagiam com a sua família — pais, mulheres e concubinas, filhos, filhas e irmãos — e o círculo mais alargado da elite persa, que definiram a forma pela qual o império funcionou. Os pormenores das dinâmicas de família poderiam ter um impacto profundo, por vezes sério, na manutenção e sucesso do império como um todo. O que acontecia dentro da família e como os acontecimentos se desenrolavam nos aposentos privados dos palácios reais acabava por ressoar por toda a esfera imperial.

Este livro conta a história dos persas desde o tempo da sua chegada ao planalto iraniano, cerca de 1000 a.C., até ao momento, em 330 a.C., em que o seu grande império foi capturado, dominado e garrotado pela mão vigorosa de Alexandre da Macedónia. Esta será uma história de construção de um império e ambição imperial. Trata-se também da história de uma das maiores famílias disfuncionais da história. Os aqueménidas ultrapassaram facilmente as sagas familiares das Casas de Iorque e Lencastre do imaginário shakespeariano, os Bórgia do Vaticano ou os Romanov da Rússia. A história dos aqueménidas é uma telenovela épica de ambição crua, traição, vingança e assassínio — para todos os efeitos, a sua história é *Eu, Cláudio* de Robert Graves num cenário do Médio Oriente. Atualmente, o estudo da dinastia aqueménida e do seu império expande-se e floresce como nunca. Os estudos textuais de fontes persas autóctones continuam a surgir, e a arqueologia do império continua a produzir descobertas inesperadas que forçam constantemente os académicos a repensar e remodelar as nossas definições de império. É uma boa altura para explorar o mundo dos persas.